OLIMPÍADA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA

Prefácio

Olá! Bem-vindo à nona edição da Olimpíada Brasileira de Linguística!

Esperamos que esta edição nos ajude a reconhecer os vínculos uns com os outros e de todos nós com a nossa terra e com a biosfera em geral.

Essa prova tem 24 questões de múltipla escolha, a serem resolvidas em 4 horas. Você pode começá-la a qualquer momento entre as 20:01 do dia 11 e as 23:59 do dia 16 de Setembro de 2019. Se você fizer a prova no aplicativo (celular, tablet, etc.), o relógio do aplicativo é interrompido caso você mude a tela para outro aplicativo, atenda uma ligação, feche o aplicativo, fique sem bateria, etc. Quando abrir o aplicativo de novo, o relógio recomeça de onde tinha parado. Se você fizer a prova no browser do seu computador, o relógio não pára se você mudar de aba ou programa; ele só pára caso a página seja fechada; quando ela for reaberta, recomeça de onde parou. Em ambos os casos, o importante é: quando o relógio completar as 4 horas, você não vai mais poder marcar respostas, apenas visualizar o que você já respondeu.

Quando terminar a prova, você precisa clicar no botão "Finalizar", para enviar suas respostas aos nossos servidores. Esse envio precisa ser feito até as 23:59 do dia 16 de Setembro.

Não se assuste. Para fazer esta prova, você não precisa conhecer línguas ou linguística; seu raciocínio e seu conhecimento de mundo devem ser totalmente suficientes para resolvê-la. Mas é claro, quanto mais ampla for sua cultura linguística, mais fácil (e mais divertido) será. Não é necessário usar a internet nem outra fonte de pesquisa: queremos que você confie em si mesmo para desvendar os padrões linguísticos. O gabarito da prova será divulgado nos dias seguintes ao fim da prova, na sua área restrita do site. Boa caminhada!

As questões desta prova foram compostas por Alexei Pegushev, Artur Corrêa Souza, Bruno L'Astorina, Eduardo Martins, Kleveland Cristian Barbosa, Germano Tiebohl Martinelli, Gustavo Palote, Mahayana Godoy, Marcus Maia, Renata Tironi de Camargo, Takerou Hayashi Sato e Yan Masetto.

Além disso, a prova foi testada, editada e revisada por Artur Corrêa Souza, Bruno L'Astorina, Cynthia Herkenhoff, Davi Kumruian, Eduardo Martins, Gustavo Palote e Rodrigo Pinto Tiradentes.

#1 · Na comunicação, muitas informações ficam subentendidas. A compreensão inadequada do contexto pode levar a maus-entendidos e, quando exagerada, é uma boa fonte de piadas, como no meme abaixo:

Autor desconhecido

Qual é a mudança de interpretação que provoca o efeito de humor neste meme?

a) De uma pergunta para uma afirmação

b) De uma pergunta sobre desejo para uma pergunta de avaliação factual

c) De uma exclamação para um julgamento

d) De uma pergunta sobre obrigação para uma pergunta sobre hipótese

e) De um "ou exclusivo" para um "ou inclusivo"

— Bruno L'Astorina

Resposta: B

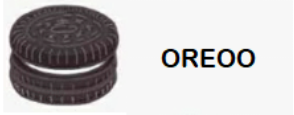
A piada se baseia numa quebra de expectativa quanto à leitura da situação comunicativa. Quando a aeromoça pergunta "X ou Y?", a leitura da situação em volta da fala faz tanto o leitor quanto a passageira pensar que se trata de uma pergunta sobre uma oferta, um desejo: "(Você prefere) X ou Y?". A piada está no fato de que a aeromoça estava fazendo uma pergunta de avaliação do conteúdo de verdade da sentença: "(Qual é verdadeiro / O que tem dentro da jarra:) X ou Y?"

#2 · Existe uma marca famosa de biscoito que, na Coréia do Sul, tem a seguinte cara:

Foto: Bruno L'Astorina

Em um meme que tem circulado pela internet, o nome do biscoito é decomposto em uma sintaxe que permite produzir novas combinações, como por exemplo:

Segundo essa sintaxe, qual das combinações está nomeada incorretamente?

a) 

b)

c)

d)

e)

— Bruno L'Astorina

Resposta: B

Pelos exemplos, dá para perceber que o biscoito de chocolate é O e o recheio branco é RE. Assim, a combinação em B deveria ser "REREO".

#3 ·

https://www.youtube.com/watch?v=H1YIgwPsX5Q

A banda **Tinariwen** (em tifinagh, ⵜⵉⵏⴰⵔⵉⵡⴻⵏ) é formada por músicos tuaregues do Mali. A banda se formou nos anos 1970, entre rebeldes tuaregues exilados na Argélia e na Líbia. Os músicos receberam treinamento de guerra na Líbia de Gaddafi e, de volta ao Mali, lutaram na Revolta Tuaregue de 1990. As letras das músicas são principalmente na língua tamashek, mas possuem eventuais inserções do árabe e do inglês.

Na música acima, *Nannunflày*, qual das opções mostra os versos cantados logo após a primeira estrofe em inglês?

a) Kàla t-illegh / Ibda nànnuflày /
Nilmàd s-àddunya / Harkuk tàmmuttày

(Houve um tempo em que eu vivi pleno. A vida me ensinou que isso sempre muda.)

d) Legh amidi-nin / S-inta niflas /
Hi isaswen ulh-in / Alwàqq d-intas

(Eu tenho um amigo em quem eu posso confiar, que sacia a sede que queima no meu coração.)

c) Ilkam e-timtar / Illegh dara-s /
Tedjedit tàhona / Iday fàlla-s

(Eu caminho nos seus passos, perseguindo memórias construídas em uma duna que está sempre se movendo.)

d) Ere-s tosed inta-ghas /
Ila derhanàn-net / Harkuk osas

(Aquele que você encontra na solidão é prisioneiro de desejos egóicos.)

e) Ténéré tàqqàl / Eghàrghàr wa n-fissar /
Dàgh iknasàn elwan / Azzadàn dàgh-s alimmoz

(O Deserto se tornou uma terra alta de espinhos, onde os elefantes lutam entre si, esmagando a grama sob seus pés.)

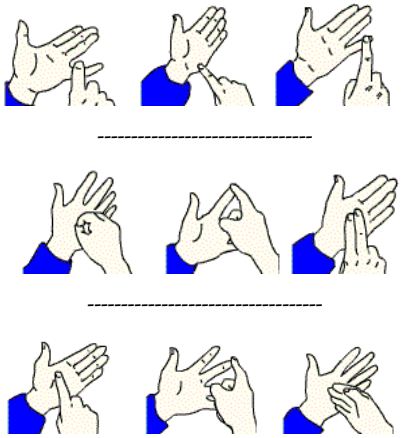
— Bruno L'Astorina

Resposta: C

Essa era mais uma questão em que o mais importante era ouvir atentamente a música e buscar identificar a pronúncia do vocalista. Neste caso, a letra A traz o refrão da música. A partir de 2:42, começa uma estrofe em inglês: *No sleepwaking / Don't keep me apart / I'm through sleepwaking / God be in my heart.* Logo depois, começa a estrofe que aparece na letra C.

#4 · O *Alfabeto Manual de Surdos-Cegos* é um sistema de comunicação baseado no toque, desenhado para comunicação com pessoas que são, ao mesmo tempo, surdas e cegas. Para transmitir uma informação, o *informante* toca, de diferentes formas, a palma do *informado* com seus dedos. Baseada inicialmente na Língua de Sinais Britânica, o sistema hoje é usado internacionalmente.

Seguem abaixo as representações dos nomes próprios Ben, Liz e Stu, embaralhados. Nas figuras, a mão direita representa a mão do *informante*, enquanto a mão esquerda representa a do *informado*.



Qual das formas abaixo é a maneira correta de se representar o nome Zoe?

a)

b)

c)

d)

e)

— Alexei Pegushev

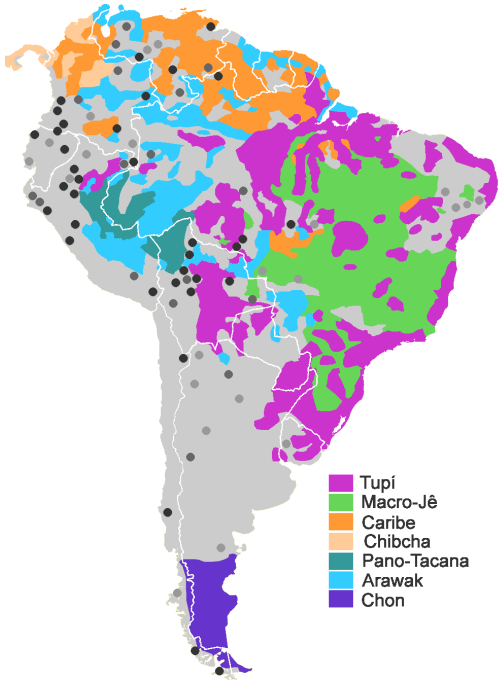
Resposta: D

De uma forma geral, a representação das letras neste alfabeto manual precisa ser aprendida uma a uma. A exceção são as vogais: A E I O U são representadas pelos toques nos cinco dedos, saindo do polegar para o dedo mínimo. Assim, depois de identificar os três nomes com seus sinais, tinha-se Z e E e, com isso, era possível deduzir que O é representado por um toque no dedo anelar.

#5 · O ano de 2019 foi oficializado pela UNESCO como o **Ano Internacional das Línguas Indígenas**. Este acontecimento é especialmente importante em um país como o Brasil, que, mesmo após 500 anos de colonização europeia, ainda tem cerca de 200 línguas faladas em seu território. Marcando este evento, os problemas múltiplos de 5 desta prova tratam de diferentes línguas indígenas brasileiras. Outros problemas presentes nesta prova tratarão de línguas indígenas de outros países, isto é, línguas minoritárias faladas em seus territórios antes das ondas de imigração ou colonização mais recentes.

Ao contrário do que pode parecer, essas línguas não são todas parecidas; um indígena encontrando com outro de uma etnia diferente pode ter tanta dificuldade de se comunicar quanto um brasileiro encontrando um falante de russo, iorubá, japonês...

De uma forma geral, podemos agrupar as línguas indígenas em famílias e troncos. O mapa abaixo mostra as principais famílias linguísticas América do Sul, descontando as famílias de línguas faladas na Cordilheira dos Andes (como quechua, aimará ou mapugundun). Os pontos pretos são línguas isoladas, isto é, que não possuem parentesco evidente com nenhuma outra língua. Os pontos cinza são línguas cuja classificação ainda é incerta.



Fonte: Wikimedia Commons

Olhando para o mapa, qual bioma sul americano está associado à maior diversidade linguística, e por quê?

a) Amazônia, pois a floresta ampla e densa favorece o isolamento das pequenas comunidades, levando à diferenciação linguística.

b) Cerrado, pois os campos abertos permitem que todos os povos circulem por seu território.

c) Biomas litorâneos, pois permitem que os povos diversifiquem suas línguas no contato com os navegadores.

d) Caatinga, pois as temperaturas amenas favorecem a migração das populações para aquele território.

e) Estepes da Patagônia, pois o frio excessivo faz com que as palavras sejam articuladas de uma forma diferente.

— Bruno L'Astorina

Resposta: A

A questão era uma introdução às famílias de línguas indígenas no Brasil. No resto da prova, tivemos outras duas questões de línguas da família Tupi (o Tupinambá, #10, e o Tupari, #15) e uma da família Macro-Jê (o Xerente, #20) – que, como se pode ver no mapa, são as duas maiores famílias, e também as mais espalhadas por todo o território brasileiro. Além dessas duas grandes famílias, o território amazônico também conta com diversas outras (Caribe, Pano, Arawak, etc.) e muitas outras línguas isoladas.

A diversidade linguística da Amazônia pode ser explicada por razões históricas e geográficas, ainda parcialmente desconhecidas, mas também seguem um princípio geral usado na linguística: que, em lugares que facilitam o isolamento das pequenas comunidades (cordilheiras de montanhas, ilhas distantes ou florestas densas), as línguas tendem a se diferenciar mais.

Um exemplo interessante dessa diversidade é a própria família Tupi: dos 10 diferentes ramos da família (ou seja, grupos que, em geral, são linguisticamente mais distintos entre si), 5 são falados nas margens do Rio Madeira, em Rondônia (que é, portanto, entendido como o local de onde se originou o proto-Tupi), e outros 4 são falados na Amazônia e áreas adjacentes (como o Xingu). Todo o resto do continente (incluindo o centro-sul do Brasil, as terras baixas da Bolívia, o Paraguai e o norte da Argentina) fala línguas de um único ramo da família Tupi, o Tupi-Guarani (que inclui o Tupinambá e as várias formas do Guarani).

#6 · Yimchungrü é uma língua indígena do ramo ao, da família sino-tibetana, falada por 80 mil pessoas no estado indiano de Nagaland, perto da fronteira com Myanmar.

Seguem alguns numerais em yimchungrü e seus valores correspondentes embaralhados.

1. phüngü	A. 5
2. rukrü kheak thüne	B. 19
3. samrü kheak thuruk	C. 36
4. thürü kheak tuku	D. 43
5. yirü kheak mahsam	E. 67

*Nota fonética: **ü** é a vogal central conhecida como 'schwa', equivalente ao 'a' na palavra em inglês 'about'.*

Quais números são representados respectivamente por 'nerü kheak fiyi' e 'kurü kheak tüza'?

a) 74 e 98

b) 49 e 11

c) 63 e 25

d) 74 e 92

e) 49 e 28

— Alexei Pegushev

Resposta: A

A estrutura geral dos numerais é [dezena] **kheak** [unidade]. Os números para unidades são todas palavras de duas sílabas. Os nomes das dezenas são formados a partir das unidades correspondentes, retirando-se a primeira sílaba e adicionando-se **-rü**. Por exemplo,

thu.ruk (6) ⇒ ruk.rü (60)
fi.yi (4) ⇒ yi.rü (40)

Ao parear os cinco números do enunciado, obtemos todos os números de 1 a 9, exceto 2 e 8. Para saber que número é tüza, um passo adicional era necessário. Era importante reparar que, os números 6-10 tinham variações de uma mesma

primeira sílaba, **t(h)u/ü-**, o que provavelmente é marca de um momento anterior em que os números maiores que 5 eram compostos. Repare que o mesmo não acontece com os números 1, 3, 4 e 5. Assim, **tüza** deveria ser 8.

#7 ·

Fonte: Site dos Menes

Muitas vezes, a ânsia das pessoas de "corrigir" as outras resulta de um conhecimento pobre dos processos linguísticos que ocorrem na língua portuguesa. No caso do mene acima, o fenômeno fonológico que ocorre com a palavra é chamado de **metátese**, que é quando um fonema muda de lugar dentro da palavra.

O fenômeno da metátese, como diversos fenômenos fonológicos, não é da fala de hoje em dia, mas algo que já acontecia mesmo no latim. De fato, em muitas palavras, a forma padrão atual do português é uma metátese do termo latino:

lat. *semper* > pt. *sempre*
lat. *primariu* > pt. *primeiro*
lat. *ravia* > pt. *raiva*

A metátese em *estalta* é um tipo particular chamado de **metátese compensatória**. Esse tipo de metátese acontece pela tendência do português de se desfazer das proparoxítonas e dos hiatos. Assim, numa palavra proparoxítona, se a penúltima sílaba tiver /i/ ou /u/, essas vogais tendem a se mover para a sílaba anterior, tônica (es.'ta.tu.a > es.'tau.ta).

Mostramos a seguir alguns versos de músicas de Adoniran Barbosa. Qual deles ilustra um exemplo de metátese compensatória?

a) Saudosa maloca / Maloca querida / Din-din-donde nós passemos os dias feliz de nossa vida *(Saudosa Maloca)*

b) Isso não se faz, Arnesto / Nós não se importa / Mas você devia ter ponhado um recado na porta *(Samba do Arnesto)*

c) Pra mim não tem pobrema / Em qualquer canto eu me arrumo / De qualquer jeito eu me ajeito *(Despejo na Favela)*

d) Meu peito até / Parece sabe o quê? / Táuba de tiro ao Álvaro / Não tem mais onde furá *(Tiro ao Álvaro)*

e) Domingo nós fumo / num samba no Bixiga / Na Rua Major, na casa do Nicola / À mezzanotte o'clock / saiu uma baita duma briga / era só pizza que avuava junto coas bracciola *(Um Samba no Bexiga)*

— Bruno L'Astorina

Resposta: D

Este era mais um problema que tratava de preconceito linguístico, que frequentemente aparece como o impulso de "corrigir" os outros, sem entender os fenômenos linguísticos que estão por trás de formulações não-padrão. Neste caso, o enunciado descrevia o fenômeno da metátese compensatória.

As alternativas traziam versos de Adoniran Barbosa, que ficou famoso por, entre outras coisas, compor sambas com letras próximas ao falar comum nas camadas populares da cidade de São Paulo nos anos 1950 e 1960. O verso que traz um exemplo similar ao **estalta/estátua** é o que traz **táuba/tábua**, da canção "Tiro ao Álvaro".

#8 ·

Joãozinho (Furnarius minor).
Foto: João Quental – Wikimedia Commons

"Há três características principais dos diminutivos que perpassa todas as línguas. Elas são:
(i) a enorme diversidade de significados do morfema que indica diminutivo;
(ii) a relativa unidade de seu significado entre as línguas do mundo (ou seja, a variação de significação é semelhante em diferentes línguas);
(iii) o fato de que alguns de seus significados são, ao menos aparentemente, contraditórios." (BASSO & PIRES DE OLIVEIRA, p. 176)

Duas mães conversando sobre suas filhas:

M1 - A minha filhinha tirou outro dez na prova de Matemática. Ela é uma einsteinzinha! Sorte da professora.

M2 - Que sorte a sua! A minha foi mal. E a supervisora ainda defende aquela professorazinha com aquela vozinha tranquila para lá, para cá.

Dois professores discutindo sobre as notas dos estudantes:

P1 - O Joãozinho tirou outro zero em Química?

P2 - Você queria o quê? Ele é um einsteinzinho das exatas.

Qual alternativa traz interpretações equivocadas sobre as situações?

a) A mãe 2 (M2) não considera a professora de sua filha uma boa profissional. O professor 1 (P1) não quis humilhar o aluno João com o uso do diminutivo em seu nome.

b) A mãe 1 (M1) usou o diminutivo como uma forma de apreço, carinho e elogio com a sua filha. O professor 2 (P2) foi irônico ao comparar João e Einstein.

c) A mãe 2 (M2) considera a professora diretamente responsável pelo baixo rendimento de sua filha. O professor 1 (P1) sabe que João já tirou um zero antes.

d) Não há dúvidas de que a mãe 1 (M1) fala sobre a mesma professora que a mãe 2 (M2). Há um notório desgaste na relação professor-aluno nas falas da mãe 2 (M2) e do professor 2 (P2).

e) O professor 2 (P2) não acredita na capacidade acadêmica de João nas disciplinas de química, matemática e física. Há uma dúvida sobre quem tem a voz tranquila, a supervisora ou a professora.

— Yan Masetto

Resposta: D

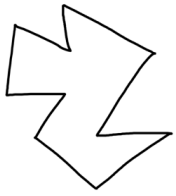
A questão trata dos diferentes sentidos que o diminutivo pode ter. "Einsteinzinho" é usado como elogio no primeiro diálogo e como ironia no segundo, enquanto "professorazinha" é usada com tom pejorativo e "filhinha" é usada como epíteto carinhoso. No entanto, não fica claro se as mães 1 e 2 estão falando da mesma professora, nem é claro que haja um desgaste entre professor e aluno no primeiro diálogo, apenas um desgaste mãe-professora.

#9 · Alguns sons da língua evocam, em seus falantes, categorias perceptuais como luz, cor, forma, velocidade etc. Esse fenômeno é chamado de **simbolismo sonoro**.

Vários estudos mostraram que que quando as pessoas veem figuras como 1A e 2A e precisam decidir qual teria um nome como takete e qual teriam um nome como maluma, decidiam que a 1A se chamaria maluma e a 1B se chamaria takete.

1A

1B



De forma similar, ao ver imagens como 2A e 2B, as pessoas tendem a escolher o nome mal para 2A e mil para 2B.

2A

2B

Essas descobertas levaram alguns linguistas a propor que as propriedades de alguns dos sons presentes nesses nomes remetem a características próprias dessas figuras quando elas eram comparadas entre si.

De acordo com a descoberta desses linguistas para as imagens acima, que opção nomearia melhor as figuras abaixo?

a) crite / kate / beoba / kite

b) kite / kate / crite / beoba

c) kate / crite / beoba / kite

d) kate / crite / kate / beoba

e) Todos os nomes são igualmente prováveis

— Mahayana Godoy

Resposta: B

A oposição das Figuras 1A e 1B se dá pelo tipo de forma: redonda (1A) e pontiaguda (1B). Uma análise dos nomes indica algumas oposições. As consoantes têm em comum o fato de serem desvozeadas e plosivas no nome que designa formas pontudas (/t/ e /k/), e sonorantes no nome que designa formas redondas (/m/ e /l/). A vogal /a/ aparece nos dois nomes, mas o de formas pontudas tem a vogal /e/, enquanto a forma arredondada têm a consoante arredondada /u/.

A oposição das Figuras 2A e 2B se dá pelo tamanho da forma: pequena e grande. A única diferença entre os nomes é o tipo de vogal: tamanhos pequenos evocam a vogal /i/ e tamanhos grandes evocam a vogal /a/.

Ao perceber a oposição da segunda forma marcada pelas vogais, já é possível descartar as opções C e D por não terem nomes com /i/ indicando a figura pequena. Ao analisar as opções A e B, percebemos que a opção A não pode estar correta, pois o nome "beoba" não contém plosivas desvozeadas para designar formas pontudas. Esse nome contém o /b/ como consoante, que em comum com o /m/ (usado na nomeação de figuras redondas) tem o fato de ser bilabial. Além disso, **beoba** tem também a vogal arredondada /o/, e no exemplo dado no enunciado essa característica vocálica se relaciona a formas arredondadas. Portanto, o nome **beoba** seria preferencialmente relacionado à última das quatro imagens mostrada, enquanto **crite** satisfaz as exigências para nomear formas pontiagudas: possui consoantes plosivas desvozeadas.

É interessante notar, por fim, que **crite** poderia fazer menção à figura pequena (pela presença do /i/) e tanto /kite/ quanto /kate/ poderiam fazer menção à forma pontiaguda.

#10 · O tupinambá (ou tupi antigo) foi a língua predominante nos contatos entre portugueses e indígenas nos séculos XVI e XVII. Além disso, a língua servido de base para a *Língua Geral*, usada cotidianamente (em muitos casos, mais do que o português) em diversas cidades do Brasil -- especialmente nas rotas dos bandeirantes. Assim, muitos nomes de municípios brasileiros tem origem em termos tupinambá. Observe os nomes das cidades e suas traduções embaralhadas:

Itaí (SP); Jaguari (RS); Itapevi (SP);
Itaquitinga (PE); Itapeva (MG);
Igaratinga (MG); Itaguaí (RJ); Jaguariúna (SP)

Rio Preto das Onças; Laje; Rio da Pedra; Rio da Enseada da Pedra; Arenito Branco; Rio das Onças; Canoa Branca; Rio da Laje

Nota: Laje é uma pedra de superfície horizontal plana. Arenito é uma pedra resultante da sedimentação de material granular (areia)

Quais os nomes das localidades chamadas de Laje Branca, Arenito e Pedra Preta, respectivamente?

a) Itinga (MG), Itaquiraí (MS), Itaperuna (RJ)

b) Itapetininga (SP), Itarumã (GO), Itapebi (BA)

c) Itapema (SC), Itaporanga (PB), Itajaí (SC)

d) Itapetinga (BA), Itaqui (RS), Itaúna (MG)

e) Itatinga (SP), Itapemirim (ES), Ipuiuna (MG)

— Eduardo Martins

Resposta: D

Separando as palavras em tupinambá e em português temos quatro duplas:

Jaguari → **Jaguari-una**
Ita-í → **Ita-gua-í**
Itapev-i / Itapeva
Itaqui-tinga / Igara-tinga

Rio das Onças → *Rio Preto das Onças*
Canoa Branca / ***Arenito*** *Branco*
Laje → *Rio da* ***Laje***
Rio da ***Pedra*** → *Rio da Enseada da* ***Pedra***

Pelo enunciado, sabemos que laje e arenito são **pedras**. Pelas palavras em tupinambá, é claro perceber que ***pedra*** ou ***rio*** só pode ser **ita**, pois

aparece 5 vezes, como ambas as palavras em português.

Se ou ***pedra*** ou ***rio*** é **ita**, então "Rio da pedra" (que deve ser uma palavra simples) só pode ser **itaí**. Agora sabemos que ***pedra/rio*** é ***ita/i***, mas não sabemos qual é qual. Mas em ambos os casos, **itaguaí** deve ser "Rio da Enseada da Pedra".

Como temos uma palavra com ***Rio*** ("Rio das Onças") e sua derivada com rio também ("Rio Preto das Onças"), as únicas restantes que seguem esse padrão são **Jaguar-i** e **Jaguar-i-una**. Logo, **una** = *preto* e **i** = **rio**. Além disso, podemos ver que a palavra **ita-pev-i** deve possuir tanto ***rio*** quanto ***pedra*** em sua morfologia, e a única que atende esses requisitos é ***Rio da laje*** (pois laje é um tipo de pedra). Logo, ***laje*** = **itapeva**. Assim, agora temos a certeza de que **ita** = ***pedra*** e **i** = ***rio***.

Associando as que sobraram, **ita-qui** = *arenito*, **tinga** = *branco* e **igara** = canoa.

Logo, a montagem dos nomes das cidades perguntadas fica:

Laje Branca = **itapeva** + **tinga**	= itapetinga
Arenito = **itaqui**	= itaqui
Pedra preta = **ita** + **una**	= itauna

#11 ·

https://youtu.be/gTXcom8azUI

Intérprete: Betty Lopes (UFRJ)

O vídeo acima mostra o sinal para a palavra "amanhã" e, na sequência, a seguinte frase:

> *O menino da rua de cima foi ontem fazer pesquisa na biblioteca; a pesquisa ele achou fácil, mas o difícil vai ser explicar tudo para o resto do grupo.*

Um dos sinais da frase tem a mesma configuração/forma de mão de "amanhã", mudando apenas a orientação. Qual é esse sinal?

a) menino

b) biblioteca

c) fácil

d) ontem

e) resto

— Bruno L'Astorina

Resposta: C

A configuração de mão do sinal "amanhã" é a seguinte:

E a frase em LIBRAS poderia ser anotada, em forma de glosa, da seguinte forma:

ONTEM HOMEM PEQUENO CASA RUA EM-CIMA FOI BIBLIOTECA PESQUISAR. ENTÃO ELE PESQUISAR SENTIR FÁCIL. MAS DIFÍCIL O-QUE EXPLICAR GRUPO.

Entendendo a frase, ficava fácil ver que o sinal com a mesma configuração era "fácil". Embora seja a mesma configuração de mão, ele difere de "amanhã" na localização (meio da testa vs. lateral da testa), na direção do movimento (dedo médio para cima vs. para baixo) e no tipo de movimento (uma vez vs. repetitivo).

#12 · A língua tétum (*lian tetum*) é a língua austronésia de maior expressão no Timor Leste, falada por cerca de 800 mil pessoas. Junto com o português, ela é língua cooficial no país. A seguir, algumas palavras nessa língua e suas respectivas traduções para o português, embaralhadas.

ai, anin, anin ki'ik, odan-matan, udan boot, udan ki'ik, ai-fuan, liman-fuan

árvore, brisa, chuvisco, dedos, fruta, porta, tempestade, vento

Nota fonética: ' é a consoante conhecida como pausa glotal, que aparece entre as vogais em 'ã-ã' (significando 'não').

O que significam as palavras liman, udan, odan-matan boot, lianfuan?

a) limão, lamen, bota de chuva, lagoa

b) mão, chuva, portão, palavra

c) braço, furacão, portão, papila gustativa

d) mão, nuvem, grade, fonema

e) luva, chuva, cancela, terra

— Renata Tironi de Camargo

Resposta: B

Separando as palavras, podemos agrupar:

anin → anin ki'ik
udan ki'ik / udan boot

ai → ai-fuan
odan-matan, liman-fuan

E agrupando as palavras em português":

vento → brisa (vento fraco)
chuvisco (chuva fraca) / **tempestade** (chuva forte)

árvore → fruta
e sobram, aparentemente, **dedo** e **porta**.

É claro perceber o primeiro grupo, vendos os adjetivos para *pequeno* (**ki'ik**) e *grande* (**boot**). Assim, entendemos também como é *vento* (**anin**) e chuva (**udan**).

Com certeza, **ai** = **árvore**, pois há a palavra derivada **fruta**, que só pode ser **ai-fuan.** Agora basta pensar se **dedo** ou **porta** se encaixa no mesmo padrão de derivação formado por **fruta/árvore**. Pode-se pensar na fruta como sendo o que surge da árvore, e **dedo** surge da mão, enquanto que a **porta** não surge de algo. Então, **dedo = liman-fuan** (o fruto da mão).

Assim,

liman = *mão* (a base de onde surgem os dedos)
udan = *chuva*
odan-matan boot = *portão* (porta grande)
lianfuan = *palavra* (o fruto da língua – veja, na primeira frase do enunciado, que **lian** = língua).

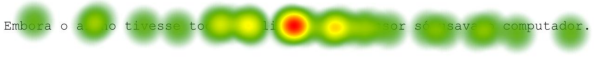
#13 · A técnica de rastreamento ocular (*eye tracking*) tem sido usada pelos psicolinguistas para, entre outras coisas, monitorar a leitura de frases e, com isso, chegar a conclusões importantes sobre os processos de leitura no momento em que eles ocorrem.

Uma maneira de exibir os dados do rastreamento é com *mapas de calor*, representações estáticas em que as cores mais escuras representam maiores durações das fixações oculares. Observe os três mapas de calor a seguir e assinale a resposta que melhor analisa os padrões de leitura das frases.

1. Embora o aluno tivesse todos os livros, o professor só usava o computador.

2. Embora o aluno comesse todos os livros, o professor só usava o computador.

3. Embora o aluno tivesse todos os livro, o professor só usava o computador



Qual opção melhor analisa os padrões de leitura indicados nos mapas de calor acima?

a) O mapa de calor (1) indica leitura mais atenta da mesma frase do que os mapas de calor (2) e (3).

b) O mapa de calor (2) indica maior atenção na oração principal, enquanto os mapas de calor (1) e (3) indicam maior atenção na oração subordinada.

c) O mapa de calor (1) indica maior atenção na oração principal, enquanto que os mapas de calor (2) e (3) indicam que a atenção foi deslocada para a oração subordinada por conta de anomalias na frase.

d) O mapa de calor (1) e (2) indicam leituras de frases com anomalias semânticas.

e) O mapa de calor (2) e (3) indicam leituras de frases com anomalias de concordância de número.

— Marcus Maia

Resposta: C

O período analisado contém duas orações: a oração principal ("O professor só usava o computador") e uma oração subordinada desempenhando função de advérbio, com valor de concessão ("Embora o aluno tivesse todos os livros" e suas variantes). O primeiro exemplo indica que, em uma situação normal de leitura (com uma frase bem formada), a fixação ocular é maior na *oração principal* – que tende a ser, como o nome diz, a parte principal da mensagem.

Contudo, tanto anomalias sintáticas quanto semânticas na oração subordinada deslocam a atenção para ela. No primeiro caso, um tempo maior de processamento fica em torno do verbo "comer", que semanticamente não combina com "todos os livros") e, no segundo, o processamento fica tentando resolver o sintagma "todos os livro", que não segue o padrão de concordância esperado em um texto em português escrito.

#14 · Outra maneira de representar os dados do rastreamento ocular são os *gaze-plots dinâmicos*, que representam a movimentação ocular entre as fixações e, assim, permitem discriminar as fixações progressivas (da esquerda para a direita) e regressivas (da direita para a esquerda).

Os vídeos a seguir representam os mesmos exemplos do problema anterior, vistas como *gaze-plot dinâmico*:

Frase 1:

https://youtu.be/pdJlpH_CTBY

Frase 2:

https://youtu.be/_Vd2luoNp8Q

Frase 3:

https://youtu.be/CYvZipBnkoo

Após observar as representações dinâmicas dos padrões de leitura, indique a melhor análise:

a) A frase (1) é lida com fixações regressivas para a primeira oração.

b) A frase (1) e (2) apresentam fixações regressivas antes mesmo de se terminar a leitura da frase.

c) As frases (2) e (3) só apresentam fixações regressivas após a leitura da frase toda.

d) A frase (3) apresenta fixações regressivas antes mesmo de se concluir a leitura da frase toda.

e) A frase (1) não apresenta fixações regressivas do olhar.

— Marcus Maia

Resposta: D

O processo dinâmico reforça aquilo que notamos no problema anterior, mas adiciona algumas informações. Na frase com anomalia semântica (Frase 2), o leitor lê toda a frase e só depois retorna à anomalia semântica e gasta um tempo ali -- como se o processamento semântico na leitura acontecesse num momento posterior. Ao contrário, na frase com anomalia sintática (Frase 3), o leitor fica retornando ao trecho anômalo antes mesmo de terminar a frase, indicando um momento anterior de processamento.

#15 · Tupari é uma língua da família tupi. A população tupari consiste em mais de 600 pessoas; porém, apenas cerca de 350 falam a língua. Eles se localizam no sul do estado de Rondônia, nas Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé.

Abaixo são dados verbos em tupari e suas traduções para o português.

tupari	**português**
akora	*aquecer*
ekiarapka	*ficar feliz*
ekòmka	*ficar em silêncio*
emo'ãk	*passar por*
'et	*dormir*
ket'e	*secar*
ko	*comer*
mẽkòmka	*desligar (algo)*
mẽmo'ãk	*fazer (algo) passar*
õ'et	*colocar (algo) na cama*
õket'e	*secar (algo)*
õpat'e	*ferver (algo)*
pat'e	*ferver*
pop'e	*ter medo de (algo)*

Nota fonética: ' é a consoante conhecida como pausa glotal, que aparece entre as vogais em 'ã-ã' (significando 'não'). *O acento grave (`) indica vogal longa.*

Marque as traduções para:

- mẽkiarapka, em português
- õko, em português
- *assustar (alguém)*, em tupari
- *aquecer (algo)*, em tupari

a) fazer (alguém) feliz, alimentar (alguém) / õpop'e, õakora

b) ficar feliz devido a (alguém), comer com (alguém) / mẽpop'e, mẽakora

c) fazer (alguém) feliz, alimentar (alguém) / õpop'e, mãkora

d) fazer (alguém) feliz, comer com (alguém) / õpop'e, õakora

e) ficar feliz devido a (alguém), comer com (alguém) / mẽpope, mãkora

— Artur Corrêa Souza

Resposta: C

De primeira, é possível observar que quase todo verbo tem um par. Por exemplo, **ket'e** "secar" e **õket'e** "secar (algo)". Percebemos também que ou os verbos recebem **õ-** ou recebem **m-** (com nasalização da vogal devido ao **m**). A diferença de uso dos prefixos também pode ser facilmente entendida: o primeiro aparece em palavras que começam com consoantes e o segundo, com vogais.

Quando o verbo recebe o prefixo, ele se transforma na sua versão *causativa*: fazer algo/alguém sofrer a ação do verbo. Assim, precisamos encontrar os pares de verbo e suas versões causativas. Com isso, as respostas ficam:

→ Se **ekiarapka** é "ficar feliz", sua versão causativa, **mẽkiarapka** é *fazer alguém sofrer a ação de ficar feliz*, ou seja, fazer (alguém) feliz!

→ **õko** = causativo de **ko** = *fazer (alguém) comer* = alimentar (alguém)

→ assustar (alguém) é o causativo de **pop'e** "ter medo de (algo)", pois é *fazer alguém ter medo de algo*. Como **pop'e** começa com consoante, é adicionado **õ-**: **õpop'e**

→ aquecer (algo) é o causativo de **akora** "aquecer", pois é *fazer (algo) aquece*. Como **akora** começa com vogal, é adicionado **m-** e a vogal fica nasalizada; logo, **mãkora**.

#16 · O latim foi uma língua originalmente falada no Lácio, hoje parte da Itália, do século IX a.C. (ou VIII a.C.) até VI d.C. Dela, restou-nos apenas textos escritos, que diferiam da modalidade oral quanto ao vocabulário, à morfologia, à fonologia e à sintaxe. Vamos analisar, então, um fenômeno da variedade escrita, presente ao longo de toda a produção literária (325 a.C. a 600 d.C.). Abaixo estão algumas sentenças em latim e suas respectivas traduções para o português:

latim	português
Timet ut sustineamus.	*Ele/ela teme que nós não sustentemos.*
Impero ut faciatis.	*Eu determino que vós façais.*
Horrent ne pereo.	*Eles/elas receiam que eu morra.*
Iubetis ne quaerant.	*Vós ordenais que eles/elas não busquem.*
Imperas ne noceamus.	*Tu determinas que nós não machuquemos.*
Timeo ne impendeant.	*Eu temo que eles/elas pairem.*
Iubet ut taceas.	*Ele/ela ordena que tu cales.*
Horremus ut abeat.	*Nós receamos que ele/ela não vá embora.*

Correlacione a sentença do latim com sua respectiva tradução no português:

(A) Vós tendes medo que ele/ela não aproveite.
(B) Ele/ela exige que eles/elas escondam.
(C) Vós tendes medo que ele/ela morra.
(D) Ele/ela exige que eles/elas não atormentem.

( ) Mandat ne vexent.
( ) Metuitis ne occidat.
( ) Mandat ut celent.
( ) Metuitis ut gaudeat.

a) B / A / D / C
b) D / A / B / C
c) B / C / D / A
d) A / D / C / B
e) D / C / B / A

— Kleveland Cristian Barbosa

Resposta: E

O latim escrito contava com as conjunções integrantes **ut** e **ne** que significam "que" e "que não", respectivamente. Tal significado, no entanto, se inverte quando tais elementos ligam uma oração a um verbo de temor (como, nesse caso, **timet** "teme", **horrent** "receiam", **metuitis** "tendes medo"), ou seja, **ut** passa a significar "que não" e **ne** "que". A explicação para isso é histórica: antes de serem subordinadas, essas orações introduzidas por ut/ne eram proibições independentes:

Vós tendes medo. Que ele/ ela não morra!
metuitis ne occidat

→ *Vós tendes medo que ele/ela morra*
metuitis ne occidat

Vós tendes medo. Que ele aproveite!
metuitis ut gaudeat

→ *Vós tendes medo que ele/ela não aproveite.*
metuitis ut gaudeat

Para mais exemplos, acesse este post: https://topicosdelatinidade.blogspot.com/2018/01/oracao-substantiva-precedida-de-ut-e-ne.html

---

#17 · O catalão é, como o português, uma das línguas derivadas do latim. Diferente do italiano, do francês, do romeno etc., o catalão não se configurou como língua nacional de um país independente (embora haja, até hoje, um movimento expressivo de independência da Catalunha). Após uma longa história de alternância entre prestígio e repressão, hoje o catalão é língua co-oficial, junto com o espanhol (castelhano), em algumas regiões da Espanha -- mais especificamente, nas Comunidades Autônomas da Catalunha, de Valência e das Ilhas Baleares. Estima-se que hoje haja cerca de 10 milhões de falantes da língua.

Segue trecho de uma música tradicional catalã:

Porta corbata d'encenalls el meu Pasqual
i un coll molt alt de set o vuit ____
i una bufanda amb un serrell així de llarg
que li serveix d'_____.

Me'n gasta guants de pell d'anguila,
mitjons de fil d'empalomar,
calçats d'espatlla de goril·la
i punys de goma d'esborrar.

Elàstics blaus subjectats amb candaus
porta el meu _____ i un barret de costat,
de color _____, que és el que em perd.
I porta un gec, _____, catacrec,

un gec d'astracan pelut, ribetat de vellut,
i a l'armilla hi dus cigrons per botons.
En Pasqual és del tot original, com cal!

Nota fonética: ***ll*** *= 'lh' em 'telha',* ***l·l*** *representa um l longo,* ***x*** *= 'x' em 'xícara',* ***ç*** *= 's' em 'saco',* ***tj*** *= 'di' em 'rádio'.*

Qual alternativa mostra palavras que podem preencher, na ordem, as lacunas faltantes?

a) peus / correus / enamorat / roig / catacric

b) olors / espolsadors / sobretodu / roig / bastonet

c) espolsadors / colors / pegamol / rosa / candaus

d) colors / espolsadors / enamorat / verd / catacric

e) xarol / pegamol / salfumant / verd / bastonet

— Bruno L'Astorina

Resposta: D

Nessa questão, o elemento importante era entender como se faz a marcação rítmica e de rima da canção. Nas duas primeiras estrofes, existe rima no final dos versos: A segunda estrofe tem um esquema ABAB. Assim, é esperado que as lacunas 1 e 2 sejam preenchidas por palavras que tenham a mesma terminação. Essa conclusão, no entanto, não nos ajuda: Todas as cinco alternativas correspondem a tal condição.

Outro elemento possível é o número de sílabas métricas das estrofes. Por exemplo, as linhas 1 e 3 da primeira estrofe possuem 12 sílabas métricas cada. As linhas 2 e 4 possuem menos, mas é razoável pensar que a palavra da segunda lacuna seja maior que a da primeira.

A terceira estrofe (que é o refrão da música) tem um esquema diferente: não há rimas no fim dos versos, *mas há rimas internas*, entre a sílaba próxima ao meio do verso e a sílaba final. Além disso, há um padrão métrico entre as duas partes do refrão:

1 | blaus/candaus | 10
2 |...../costat | 13 ?
*-- palavra c/ 4 sílabas terminada em -at (**enamorat**).*
3 | ...../perd | ? *-- palavra terminada em -erd (**verd**).*
4 | gec/catacrec | 10
*-- palavra c/ 3 sílabas (**catacric**).*
5 | pelut/vellut | 13
6 | cigrons/ botons | 10
7 | original/cal | 12

A música em questão é *El Vestir d'en Pasqual*, que mostramos aqui em duas versões: uma mais clássica, interpretada por *Nuria Feliu* (https://www.youtube.com/watch?v=ETsgOLZ8Ih4) e uma leitura moderna pelo grupo *Hidrogenesse* (https://www.youtube.com/watch?v=t-6I8Lr8i34).

#18 · Imagine a seguinte situação: você está em um hotel em Busan, na Coreia do Sul, e tem um roteiro planejado para visitar a cidade de metrô. Ao chegar no metrô, porém, você percebe os perigos que o aguardam: ao pegar a linha verde, é difícil saber se você tem que entrar no trem na direção de Yangsan ou de Jangsan. Assim, é mais seguro aprender o hangul, o sistema de escrita usado na Coreia. Para isso, você analisa a lista das linhas de metrô:

Foto: Bruno L'Astorina

Seu plano é o seguinte: sua hospedagem é em **Seomyeon**; a partir dela, você vai visitar a torre em **Nampo**, ir à praia em **Haeundae** e, no fim, encontrar um amigo em **Geojehaemaji**. Como você deve escrever os nomes dessas quatro estações?

a) 서미언 · 남푸 · 하에운다에 · 거제하엠앚이

b) 서명 · 남푸 · 핸대 · 저제해맞이

c) 서면 · 남포 · 해운대 · 거제해맞이

d) 서미언 · 안포 · 핸대 · 거예해마지

e) 서면 · 남포 · 해운대 · 거예해마지

— Bruno L'Astorina

Resposta: C

Pelos nomes das estações finais de cada linha é fácil ver como se estrutura a escrita coreana. Cada símbolo representa uma sílaba e é composto pelos sons daquela sílaba. Rapidamente encontramos as diversas consoantes e também as vogais, como:

ㅏ a ㅣ i ㅗ o ㅜ u

Além disso, algumas "vogais duplas" são na verdade representações de uma só vogal coreana:

ㅓ = eo (pronunciado como o nosso **ó** de **vovó**)

ㅐ = ae (pronunciado como o nosso **é** de **chulé**)

Temos também as vogais iotizadas, as que recebem um **y-** antes delas (pronunciadas como, por exemplo, **ia** em di**á**logo): Nesse caso, elas recebem um ponto a mais:

ㅏ = a ⇒ ㅑ = ya

ㅓ = eo ⇒ ㅕ = yeo

E o encontro vocálico wa = u + a, que aparece em "gwa" 과.

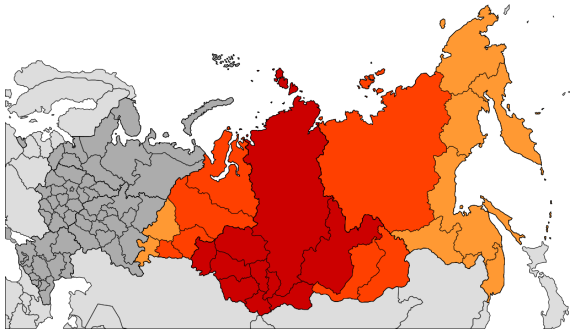
Por último, o outro glifo mais complexo seria o círculo, ㅇ, que tem duas funções diferentes:

- No início da sílaba, ㅇ é mudo, mas aparece em sílabas que iniciam com vogal (como se fosse uma espécie de "consoante neutra");
- No fim da sílaba, ㅇ representa o som **-ng** (que não existe em português, mas é o equivalente ao **ng** na palavra inglesa **hang**).

Com tudo isso, os nomes das estações visitadas são:

Seo-myeon = 서면
Nam-po = 남포
Hae-un-dae = 해운대
Geo-je-hae-maj-i = 거제해맞이

#19 ·



Mapa atual da Sibéria. Em vermelho escuro, a atual "Região Administrativa da Sibéria", parte da Federação Russa. Incluindo o vermelho claro, a região historicamente denominada "Sibéria". Incluindo o laranja claro, a parte asiática da Rússia. Fonte: Wikimedia Commons.

O sistema de numeração russo, de base dez, forma os nomes dos números de modo bastante regular:

десять (10) + пять (5) = пятнадцать
семь (7) × десять = семьдесят
восемьдесят (80) + три (3) = восемьдесят три

A grande exceção neste sistema é o número 40 (сорок), que não tem em sua composição a raiz do número 4 (четыре). Linguistas que se debruçaram sobre a questão hoje pensam que a razão para isto está ligada à economia – mais especificamente, às rotas comerciais ligadas à colonização da Sibéria, a partir do século XVI. O nome para 40 teria, então, vindo da unidade de medida «связка меховых шкурок», um fardo de pele (шкурка) com pêlo (мех). 40 era a unidade do fardo porque era a quantidade de peles de pequenos animais necessária para se fazer um casaco.

Mapa de 1720 do então "Império Russo". Todo o texto do mapa está em latim, com exceção de alguns nomes em holandês e russo. Amplie o mapa para ver mais detalhes, neste link.
Fonte: Wikimedia Commons.

Sobre essa situação, assinale a alternativa incorreta:

a) Os povos aborígenes siberianos (chamados, no discurso público russo de hoje, de коренные народы) eram absorvidos ao modus vivendi russo de várias maneiras: assimilação por contato cultural, conquista militar, absorção política (quando os chefes de algumas tribos solicitavam tornar-se, junto com seu povo, súditos da Rússia, em troca de proteção), etc.

b) Os principais parceiros comerciais da Rússia de então eram dois. Por um lado, o Império Bizantino, com rotas terrestres ligando Constantinopla até o eixo Kiev-Moscou, passando por territórios como Bulgária e Bessarábia (atual Moldova). Por outro, os ingleses e holandeses, principalmente por rotas marítimas saindo do porto de Arkhangelsk, no Mar Branco. No inverno, esta última rota era impraticável com a tecnologia naval de então, pois o mar congela.

c) Os produtos transportados eram bem exóticos, considerados luxuosos ou valiosos nos mercados compradores. No caso da Sibéria, similarmente ao caso do Canadá, as grossas peles dos mamíferos das regiões mais frias eram produtos desejados. A força desse comércio é atestada pelo fato de um jargão de caçadores e mercadores ter penetrado no vocabulário geral da língua – ainda mais em algo tão básico quanto o sistema numérico.

d) Antes de serem transportados para o eixo comercial europeu, estes bens eram centralizados em postos comerciais intermediários (semelhantes às feitorias portuguesas e trading posts ingleses). Estes postos, geralmente, evoluíam para fortes (крепости, кремли), e depois povoados, quando as famílias dos comerciantes e militares se mudavam para lá, e representantes dos povos dominados se aproximavam em busca de trabalho, alimentos e segurança. Assim, palavras e expressões usadas no contexto comercial poderiam se espalhar por uma população geograficamente mais dispersa.

e) O fluxo de peles vindo da Sibéria só não era maior, na época, pelas limitações impostas pelo governo socialista russo, que impunha pesadas taxas ao comércio em seu território, visando uma maior distribuição da renda gerada por este fluxo.

— Germano Tiebohl Martinelli
(em crossover com a Olimpíada Brasileira de Economia)

Resposta: E

Essa questão era um crossover com a OBECON, em resposta à questão sobre linguística economia que foi usada na última prova deles (sobre os diferentes nomes para 'chá', relacionados às diferentes rotas de expansão do produto). Neste caso, o tema é o comércio de peles na colonização da Sibéria.

Duas alternativas versavam sobre temas históricos: as formas de absorção dos povos nativos na cultura russa dominante (A) e os principais parceiros comerciais do Império Russo: ao sul os bizantinos, sucedidos pelos otomanos, centrados em Constantinopla/Istambul, e ao norte os navegadores holandeses e ingleses (B). Outras duas, sobre temas linguísticos: a difusão de um jargão em elementos básicos da língua como indicativo da força da atividade profissional em torno daquele jargão (C) e o crescimento do uso desse jargão a partir do crescimento das próprias cidades em torno dessa atividade comercial (D).

A alternativa incorreta é a (E), que trata o governo comunista como limitador da prosperidade do comércio de peles. Além de uma análise rasa dos efeitos de um governo socialista, a opção erra cronologicamente: o governo socialista soviético só ascendeu ao poder em 1917, três séculos mais tarde do que o contexto do problema.

#20 · O povo xerente, ou akwẽ (como se auto-denominam) habita um território na margem direita do Rio Tocantins, consistindo hoje em uma população aproximada de 3.500 pessoas. Sua língua, pertencente ao tronco macro-jê, é muito próxima da língua falada pelos xavante, no Mato Grosso, e pelos xakriabá, em Minas Gerais.

Abaixo estão algumas palavras na língua xerente com suas traduções embaralhadas:

târawarapra; hêspowdê; wdêkrê; kuzaponĩrnã;
hêsposu; mõkõnĩnĩrnã; kuzaposu; daprahâ;
hâ; dahâ; pkẽwahâ; dapkẽ; kâzaparze;
kâzêknẽze; kâwahâze; tkai; tkaizaparze;
târawaranokuda; datmõhâ

flor de abóbora; folha de abóbora; flor de inhame;
folha de banana; bananeira; chinelo; óculos;
pilão; pneu; combustível; coração; acalmar;
copo; copo; geladeira; pá;
terra; casca; pele

Nota Fonética: **â** *é uma vogal produzida com a língua alta, intermediária entre 'u' e 'i';* **e** *= 'é' em 'café',* **ê** *= 'e' em 'queijo',* **o** *= 'ó' em 'cipó';* **ã, ẽ, ĩ** *são as versões nasais de* **â, e, i**, *respectivamente.*

Nota: Pilão é um utensílio, normalmente feito de um tronco escavado, utilizado para moer alimentos.

Marque a alternativa que contenha, respectivamente, as traduções de *colher*, *mão*, *cachaça*, *pé de bacaba*, *entristecer* e *cílio*, para a língua xerente:

a) dasaizaparze, danĩpkra, kâwapu, kakrãwdê, pkẽwadâkâ, tmõsu

b) dasaipra, nĩpkra, wapusu, kakrãnĩnĩrnã, wadâkâhâ, tmõnĩrnã

c) dasaizaparze, danĩpkra, wapusu, kakrãnĩrnã, wadâkâhâ, prasu

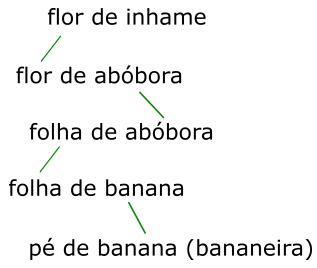
d) dasaipra, danĩpkra, wapusu, kakrãwdê, pkẽwadâkâ, pranĩrnã

e) dasaizaparze, nĩpkra, kâwapu, kakrãwdê, pkẽwadâkâ, prasu

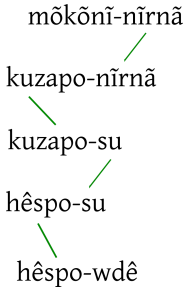
— Gustavo Palote

Resposta: A

O problema envolvia uma rede semântica complexa. Existem várias maneiras possíveis de se começar; uma boa ideia é começar pelo seguinte núcleo:



Esse núcleo possui 3 classes: 2 flores, 2 folhas, 1 pé, e 3 espécies: 2 abóboras, 2 bananas, 1 inhame. Após analisar um pouco os dados, fica claro que, em xavante, esse núcleo só pode corresponder a:



Só falta decidir se as "classes" são marcadas pela parte que vem no início (ou seja, são prefixos) ou pela parte que vem no fim (ou seja, sufixos). Há várias maneiras de pensar nisso: as palavras que vem antes são maiores; além disso, nos dados há mais coisas que se repetem no final do que no início (em outras palavras, há menos sufixos do que radicais). Além disso, **mõkõnĩ** não aparece outra vez, mas **wdê** aparece em **wdêkrê**. Da mesma forma, é improvável que outra palavra desse corpus tenha "inhame", mas alguma deve ter algo conectado com "árvore" ou "madeira". Com isso tudo, podemos concluir que as classes são marcadas por sufixos e que, pareando assim os dois grupos, temos **nĩrnã = flor**, **su = folha**, **wdê = árvore**. Para o termo **wdê-krê**, a melhor correspondência é 'pilão' (que, de fato, significa 'buraco da árvore').

Aqui é o máximo que conseguimos chegar analisando este núcleo; daqui para a frente, precisamos olhar a partir de algum outro ângulo. Podemos, por exemplo, pensar que as palavras oferecidas que mais provavelmente são morfemas simples são *terra*, *casca* e *coração*. No entanto, só duas palavras em xerente são não-compostas: hâ e tkai. Esta última aparece menos vezes, então pode ser um bom ponto de partida. Temos

tkai	kâ-zapar-ze
tkai-zapar-ze	kâ-zêknẽ-ze
	kâ-wahâ-ze

O termo mais diretamente associado a terra é *pá*, que deve ser algo como "instrumento de pegar terra". Assim, kâ-zapar-ze é um instrumento de pegar outra coisa; a hipótese mais plausível é que seja "instrumento de pegar água", ou seja, *copo*. Os outros dois ligados à **água** (**kâ**) ainda não sabemos, mas voltaremos a isso depois.

Quanto à **casca** (**hâ**), temos o seguinte conjunto:

da-hâ
da-pra-hâ
da-tmõ-hâ

A forma mais simples, dahâ, deve ser *pele*, ou "casca do corpo". Pensando metaforicamente, as outras duas cascas poderiam ser chinelo (casca do pé) e óculos (casca dos olhos). Para saber qual é qual, uma delas deve ter uma raiz que aparece em

outro lugar. Não é o caso de tmõ, mas pra aparece em:

târawara-pra
târawara-nokuda

Não há nada que pareça conter "olho", mas *pneu* pode ser entendido como **pé** (**pra**) do **carro** (**târawara**), e outro termo associado a carro é *combustível* (de fato, **nokuda** é *alimento*, e combustível, "alimento do carro").

Voltando ao núcleo anterior, podemos nos perguntar o que significa o prefixo da-. Alem daquelas três palavras, ele aparece em da-pkẽ. Como aparece comparando casca e pele, da parece estar conectado ao corpo humano. Assim **da-pkẽ** deve corresponder ao **coração (do corpo),** a terceira palavra que deveria ser um morfema simples. A raiz de coração aparece ainda em:

pkẽ-wahâ
kâ-wahâ-ze

A primeira palavra deve ser *acalmar*, que pode ser entendido como "esfriar o coração" – o que nos conecta com *geladeira*, que só pode ser kâ-wahâ-ze, "instrumento de esfriar água".

De fato, -ze é um *nominalizador*, ou seja, uma partícula que transforma verbos em nomes. Assim, se zapar é o verbo "pegar", zaparze é um "pegador", e tkaizaparze é um pegador de terra (pá) como hâzaparze é um pegador de água (copo). Além disso, kâzêknẽze é água+beber+NMZ (copo) e hâwahâze é água+esfriar+NMZ (geladeira).

Com isso, podemos ir para as alternativas:

- *Colher* deve ser um "pegador de": dasai-zapar-ze (comida+pegar+NMZ)
- Mão tem que ter o marcador de parte do corpo: da-nĩpkra (corpo+mão)
- *Cachaça* é um tipo de água: kâ-wapu (água+animar)
- *Pé de Bacaba* é uma árvore: kakrã-wdê (bacaba+árvore)
- *Entristecer* também deve ter a ver com coração: pkẽ-wadâkâ (coração+triste)
- Cílios, metaforicamente, são as folhas do olho: tmõ-su (olho+folha)

#21 · Pochuri é uma língua tibeto-birmanesa falada principalmente em Nagaland, estado situado no nordeste da India. Abaixo estão algumas equações com numerais na língua Pochuri:

$$\text{küni}^{\text{mzü}} = \text{mzü}^{\text{küni}}$$
$$\text{küni} \times \text{mnga} = \text{türa}$$
$$\text{türa} + \text{toro} - \text{türü} = 9 = \text{toku}$$
$$\text{kuche} \times 2 = \text{toro}$$
$$\text{türatürü} - \text{türatoro} = 1$$
$$\text{mzü} + \text{küni} = \text{toro}$$
$$\text{türa} - \text{khe} = \text{kuche} + \text{mnga} + \text{khe}$$
$$\text{türatüze} = \text{türamzü} + \text{mzü}$$

Qual expressão tem o mesmo valor que (mnga × mzü) + türü ?

a) (türa × küni) + kuche

b) toku + tüze + türü

c) (toro × toro) – türa

d) (mnga × mnga) + kuche

e) tüze + türatüze + khe

— Gustavo Palote

Resposta: E

Apesar do formato, o problema era relativamente simples. Uma boa maneira de começar era olhando para a primeira linha. Dizer que $x^y = y^x$ significa dizer que:

$$\underbrace{x \cdot x \cdot \ldots \cdot x}_{y \text{ vezes}} = \underbrace{y \cdot y \cdot \ldots \cdot y}_{x \text{ vezes}}$$

Ou seja, significa que x é múltiplo de y ou vice-versa. A solução mais simples para isso (na verdade, a única solução dentro dos números naturais) é com os números 2 e 4:

$$2^4 = 2 \cdot 2 \cdot 2 \cdot 2 = 4 \cdot 4 = 4^2$$

Ou seja, küni e mzü são 2 e 4 ou vice-versa. A partir disso, na sexta linha vemos que küni + mzü = 2 + 4 = 6, ou seja, **toro = 6**. Depois, na quarta linha, **kuche** = toro/2 = **3**.

Na quinta e na oitava linhas, é fácil ver que os números da forma **türa-X** são compostos. Com isso, na quinta linha, türatürü - türatoro = 1 provavelmente significa que türü - toro = 1, ou seja, que türü é o sucessor de toro, isto é, **türü = 7**. Se isso for verdade, na terceira linha temos toro - türü = -1, ou seja türa - 1 = 9 ⇒ **türa = 10**. Ou seja, trata-se de um sistema de base 10 em que

türa-X = 10 + X

Resta ver se as outras equações são coerentes com essa hipótese.

Na segunda linha: se türa é 10, küni (que era 2 ou 4) tem que ser 2 e **mnga = 5**.

Na sétima linha: 10 - khe = 3 + 5 + khe ⇒ 2· khe = 10 - 8 = 2 ⇒ **khe = 1**.

Na oitava linha: 10 + tüze = 14 + 4 ⇒ **tüze = 8**.

Resumindo os números:

1 = khe	6 = toro
2 = küni	7 = türü
3 = kuche	8 = tüze
4 = mzü	9 = toku
5 = mnga	10 = türa

A pergunta então é qual das expressões tem o valor de 5 × 4 + 7 = 27. É fácil então verificar que a) 23, b) 24, c) 26, d) 28, **e) 27**.

#22 · O koronia-go é uma variante da língua japonesa falada no Brasil, pelos imigrantes japoneses e seus descendentes. Abaixo estão algumas frases em koronia-go e suas respectivas traduções ao português:

koronia-go	**português**
Santosu no umi ni sakana ga oru	*Tem peixes no mar de Santos.*
Neko no hako ni nezumi ga oru.	*Tem um rato na caixa do gato.*
Osedon no kao ni hokuro ga aru.	*Tem uma pinta no rosto de vocês.*
Hatake ni Chiyoki-san ga oru.	*O Seu Chiyoki está na horta.*
Peisharia ni sakana ga aru.	*Tem peixes na peixaria.*
Kaishon ni shitai ga aru	*Tem um cadáver no caixão.*
Uchi no niwa ni Tetsuo-san ga oru	*O Seu Tetsuo está no quintal da casa.*
Michi ni zunbi ga oru	*Tem um zumbi no caminho.*
Patoron no merukādo ni niku ga aru	*Tem carne no mercado do patrão.*
Ishi ni rashadūra ga aru	*Tem uma rachadura na pedra.*

Nota fonética: O traço em cima da vogal (¯), chamado de 'macron', indica vogal longa. ***ch*** *= 'tch' em 'tchau'.*

Como se diz "tem uma pedra no caminho", "o patrão está na peixaria", "vocês estão em Santos", "tem um gato no quintal do Seu Chiyoki", "tem uma caixa na horta"?

a) Michi ni ishi ga oru / peisharia ni patoron ga aru / osedon ga santosu ni oru / niwa no Chiyoki-san ni neko ga aru / hatake ni hako ga oru

b) Michi ni ishi ga aru / peisharia ni patoron ga oru / osedon ga santosu ni oru / Chiyoki-san no niwa ni neko ga oru / hatake ni hako ga aru

c) Michi ni ishi ga oru / peisharia ni patoron ga aru / osedon ga santosu ni aru / Chiyoki-san no niwa ni neko ga aru / hatake ni hako ga oru

d) Michi ni ishi ga oru / peisharia ni patoron ga aru / osedon ga santosu ni aru / niwa no Chiyoki-san ni neko ga aru / hatake ni hako ga oru

e) Michi ni ishi ga aru / peisharia ni patoron ga oru / osedon ga santosu ni oru / niwa no Chiyoki-san ni neko ga oru / hatake ni hako ga aru

— Takerou Hayashi Sato

Resposta: B

Podemos começar identificando os substantivos. Um ponto de partida pode ser os nomes próprios (Santos, Seu Chiyoki, Seu Tetsuo) e os empréstimos do português (caixão, peixaria, patrão, zumbi, etc.). Além disso, algumas palavras repetem no decorrer dos exemplos (como *sakana* = peixe, as partículas gramaticais), facilitando a identificação de seu significado e da estrutura das frases.

Assim, podemos identificar que as frases aparecem todas na seguinte ordem:

Localização (Possuidor / Possuído) – Sujeito da Frase – Verbo de existência (aru/oru).

A identificação das funções sintáticas pode vir da identificação das três partículas gramaticais que aparecem nas sentenças. Elas sempre aparecem

após as palavras que marcam, ou seja, são **posposições** (como as preposições do português, que vem antes das palavras. São elas:

ni Partícula locativa, como pt. "em".

Peisharia ni = *na peixaria*
Neko no hako ni = *na caixa do gato*

no Partícula possessiva, como pt. "de".

Patoron no merukādo ni = *no mercado do patrão*
Neko no hako ni = *na caixa do gato*

ga Marca o sujeito da oração.

Hatake ni Chiyoki-san ga oru
O seu Chiyoki ***está*** *na horta*

Santosu no umi ni sakana ga oru
Tem *peixes no mar de Santos*

O verbo de existência pode ser traduzido de várias formas: "existe algo", "tem algo", "algo está em tal lugar". Em koronia-go, entretanto, ele assume duas formas: *aru* ou *oru*. Vamos agrupar as frases para tentar entender:

aru	*oru*
Peisharia ni sakana ga aru Tem peixes na peixaria	*Santosu no umi ni sakana ga oru* Tem peixes no mar de Santos
Osedon no kao ni hokuro ga aru Tem uma pinta no rosto de vocês	*Neko no hako ni nezumi ga oru* Tem um rato na caixa do gato
Patoron no merukādo ni niku ga aru Tem carne no mercado do patrão	*Hatake ni Chiyoki-san ga oru* O Seu Chiyoki está na horta (lit. *Tem Seu Chiyoki na horta*)
Kaishon ni shitai ga aru Tem um cadáver no caixão	*Michi ni zunbi ga oru* Tem um zumbi no caminho
Ishi ni rashadūra ga aru Tem uma rachadura na pedra	*Uchi no niwa ni Tetsuo-san ga oru* O Seu Tetsuo está no quintal da casa (lit. *Tem Seu Tetsuo no quintal da casa*)

Podemos apostar em alguma distinção relacionada ao sujeito existente (aquele marcado com "ga"). Nas duas listas existe a palavra "peixe" – de um lado, entretanto, o peixe está morto (na peixaria) e de outro, vivo (no mar). Porém, vemos que "zumbi" é empregado com *oru*, apesar de ser, tecnicamente, um morto.

Na verdade, a categoria em questão é a "animacidade". Ela se refere ao quanto uma entidade é animada, agente de suas próprias ações. Portanto, *aru* é [- animado] e *oru* é [+ animado]. Uma mesma entidade, mesmo um ser não vivo, pode admitir os dois verbos, dependendo do contexto. Um carro estacionado na garagem, por exemplo, poderia ser referido por *aru*; já para se referir a um carro que vem vindo no trânsito, poderia ser usado *oru*.

No japonês "padrão" (aquele usado em jornais, ensinado nas escolas de idiomas, etc.), essa mesma distinção existe, com os verbos *aru* e *iru*. *Oru* é uma forma comum nos dialetos do oeste do Japão (de onde o koronia-go recebeu fortes influências).

Por fim, vale mencionar que o uso de *osedon* (vocês) era constatado pelo bisavô do autor desta questão, originário de Kumamoto, oeste do Japão. A palavra é possivelmente uma combinação de *ocê* + *don*. *Ocê* seria uma forma de "você", enquanto *-don* é observado em alguns pronomes de Kumamoto, como *oidon* (nós) e *waidon* (vocês).

#23 · A língua ainu é fala atualmente por poucas pessoas, a maioria entre 80 e 90 anos, na ilha de Hokkaido, norte do Japão. Até o século XIX, os ainus também ocuparam uma parte considerável da ilha de Honshu, as ilhas Curilas, a ao sul de Sakhalin e de Kamchatka. Hoje, a língua está praticamente extinta.

Abaixo estão algumas palavras da língua ainu com suas vogais tônicas marcadas:

ainu	**português**
arí	*colocar*
cúpka	*leste*
hánke	*perto*
kemótot	*coágulo sanguíneo*
mátkaci	*menina*
netópa	*corpo*
nupé	*lágrimas*

omáp	*amor*
páskuma	*contar histórias antigas*
túmsak	*fraco*
sumá	*pedra*

Marque a alternativa que contenha as palavras abaixo com suas vogais tônicas devidamente marcadas:

ainu	**português**
kane	*ouro*
kisar	*coelho*
kosne	*luz*
paknonekor	*e então*
tumikoro	*guerra*

a) káne, kisár, kosné, paknonékor, tumikóro

b) kané, kísar, kosné, páknonekor, tumíkoro

c) káne, kísar, kósne, paknonekór, túmikoro

d) kané, kisár, kósne, páknonekor, tumíkoro

e) káne, kisár, kosné, paknonekór, tumikóro

— Gustavo Palote

Resposta: D

Ao contrário do português, em ainu a sílaba tônica tende a estar no início da palavra. Mais especificamente: se a primeira sílaba for uma sílaba fechada (terminada em uma consoante), ela será a sílaba tônica – como em **pás-ku-ma**. Do contrário, se a primeira sílaba for aberta (terminada em vogal), a segunda sílaba será a tônica – como em **ke-mó-tot**.

Assim, entre as alternativas, as palavras que começam com sílabas fechadas são **kós-ne** e **pák-no-ne-kor** e as com sílabas abertas são **ka-né**, **ki-sár** e **tu-mí-ko-ro**.

#24 · Um evento importante do último semestre foi a última temporada da série de TV *Game of Thrones*, adaptada a partir da série de livros de George R. R. Martin, *As Crônicas de Gelo e Fogo*. No universo da narrativa, a parte principal da história acontece no continente de Westeros, habitado por diferentes pessoas. O continente possui duas línguas principais: a Língua Antiga (*Old Tongue*), falada pelos Primeiros Homens, que hoje só é falada em ambientes específicos, e a Língua Comum (*Common Tongue*), língua trazida pelos Ândalos, que imigraram no continente 5 mil anos atrás e originaram a atual base linguística e cultural da maior parte do continente.
Qual dessas interpretações sobre essas línguas não faz sentido?

(Atenção: você não precisa conhecer a história da série para ser capaz de responder à pergunta)

a) A língua comum provavelmente não é homogênea: ao longo de um território tão grande e em 5 mil anos de história, é natural que tenham se desenvolvido grandes diferenças linguísticas entre as variantes geográficas, etárias, sociais, etc. Entretanto, os nobres provavelmente falam variantes mais similares entre si, por se relacionarem entre si e por falarem uma variante de prestígio. Além disso, em diferentes partes do continente, os nobres recebem o mesmo tipo de educação, dada pelos Grandes Mestres de Vilavelha (*Oldtown*).

b) A língua antiga ainda é falada principalmente em locais isolados: entre os clãs das montanhas do Vale de Arryn ou entre os povos livres do norte, que vivem além da Muralha. Entretanto, na narrativa aparecem pessoas de além-da-muralha que conseguem se comunicar com as pessoas aquém-da-muralha, usando a língua antiga. Isso indica que, apesar da Muralha, os povos livres possuem algum tipo de contato esporádico com os povos aquém da Muralha, seja através de comércio, invasões e guerras, fugas ou outros processos migratórios.

c) A população do Deserto de Dorne, no extremo sul de Westeros, possui muitos traços culturais distintos do restante do continente, mais ligados às intensas migrações e ao comércio nos mares quentes do sul. Entretanto, apesar dessas diferenças, não existe diferença linguística; suas línguas anteriores foram completamente esquecidas em prol da língua falada no continente.

d) No Reino do Norte, mais esparsamente povoado e mais ligado à religiosidade e aos costumes antigos, dos primeiros homens, é mais provável que a língua antiga seja um substrato mais forte,

deixando mais marcas sintáticas, fonéticas, prosódicas e de vocabulário na variante da língua comum falada na região.

e) O Alto Pardal (*High Sparrow*), um líder religioso importante na época da Guerra dos Cinco Reis, foi capaz de mobilizar grandes massas de fiéis, com um discurso reformista dentro da Fé dos Sete, propondo que a Igreja não deveria se preocupar só com as questões dos nobres, mas olhar para o verdadeiro sofrimento da população Linguisticamente, é mais provável que sua forma de falar esteja mais próxima das variantes das classes mais baixas e mais distante da língua mais monitorada da nobreza.

— Bruno L'Astorina

Resposta: C

Esse problema era uma introdução a elementos básicos da sociolinguística e da linguística histórica. Vamos comentar item a item:

A | A especiação das línguas acontece como a especiação das espécies biológicas: os falantes introduzem mudanças nos seus falares, de forma que grupos relativamente isolados tendem a acumular diferenças, diferenciando-se. A situação com a língua dos ândalos pode ser comparada à do latim após o fim do Império Romano: com o passar dos séculos e o relativo isolamento dos diferentes territórios (as viagens não eram tão comuns na Europa medieval ou na Westeros medieval), o latim falado em cada região foi acumulando especificidades, levando ao que hoje chamamos de português, italiano, francês, romeno... Assim, é improvável que camponeses de diferentes partes de Westeros consigam, por exemplo, manter uma conversa. Algo diferente acontece na nobreza. Na Europa medieval, os nobres recebiam sua educação em latim e, além disso, era comum que nobres de diferentes regiões casassem entre si – de forma similar ao que ocorre em Westeros.

B e D | Podemos considerar que a(s) línguas dos primeiros homens são as línguas indígenas dos *westerosi*: mais antigas que a língua dominante e hoje faladas de forma minoritária. Como já vimos, os grandes isoladores de línguas são barreiras geográficas: ilhas, montanhas, florestas densas. Os clãs das montanhas de Arryn podem nos lembrar, no contexto europeu, dos bascos nos Pirineus ou ainda da grande diversidade linguística do Cáucaso. Os habitantes do norte gelado manterem a língua antiga nos lembra os escoceses (celtas) ao norte dos anglo-saxões, ou os ainu ao norte dos mais recentes falantes de japonês. A Muralha de Westeros foi diretamente inspirada no Muro de Hadrian na Grã-Bretanha, que separava os romanos dos bárbaros do norte (Escócia). Em ambos os casos, os muros não significaram isolamento completo; do contrário, em pouco tempo os dois lados falariam variantes mutuamente ininteligíveis.

C | Uma língua, via de regra, nunca é completamente esquecida. Quando falantes absorvem uma nova língua, por serem dominados ou por chegarem em um novo local, mesmo que a nova língua se torne predominante, traços das línguas anteriores permanecem como substrato da nova língua. Assim acontece com as línguas indígenas em relação ao português, ao inglês, etc. mas também com as línguas de imigração em relação à nova língua oficial – como as marcas do italiano características do sotaque paulistano, ou as marcas germânicas no português do sul do país. Em Dorne, se outros elementos culturais da sua cultura de origem seguiram tão presentes, é provável que isso também esteja na fonologia, no léxico e na sintaxe da sua variante da língua comum.

E | Aproximar seu falar do público-alvo é um estratagema conhecido na publicidade e na política. Quando um político se esforça para falar "como o povo", ele tem mais chance de gerar empatia e confiança e ser visto como "um dos nossos". O sucesso do Alto Pardal envolveu que ele fosse visto pelos camponeses de Westeros como "um deles", e isso provavelmente significou que ele não falava como um nobre, mas como alguém do povo. Sendo mais específico, ele provavelmente falava uma variante popular da região central do continente: Porto Real, Terras Fluviais e Campinas. Nesta zona de rios e planícies, a comunicação entre as diferentes populações deveria ser maior e, assim, as variantes linguísticas se isolaram menos. Por outro lado, seria mais difícil que o Alto Pardal agregasse muitos seguidores entre os camponeses do Norte, de Dorne ou do Vale de Arryn.

Escudo da Família Martell de Dorne. Fonte: A Wiki of Ice and Fire